

# Pão Nosso . . .

Porto, 7 de Setembro de 1910.

N.º 21

## SUMARIO:

- I.—...DE TOALHA E BACIA.
- II.—A SOMBRA DO MATA-FRADES.
- III.—PUNHADO DE NOTAS.
- IV.—DESGRAÇAS LOCAES.

## ... De toalha e bacia

**Os genios da Renascença e os defastios do Creator.—O enciclopedico Oliveira Matos, barbeiro das Musas.**

...c'est pourquoi n' étant bon à rien, je me suis mis à faire des vers. Je n'ai guère plus de plaisir à les aligner que vous à les lire... Je vous jure en tout cas, que c'est un piètre divertissement, et que vous feriez bien d'avoir un autre.

*Th. Gautier.*

Qualquer de nós, ao mastigar a biografia daquelles grandes homens da Renascença italiana que espelhavam no cerebro todas as facetas do engenho humano, agonia-se entristecido... Porque será—medita—que a natureza rompeu os moldes onde vasara genios taes?

De facto, alguns desses gigantes eram ao mesmo tempo esculptores, arquitetos, pintores, poetas, diplomatas, estadistas e sabios. Sonetavam á margem dum tratado de geometria. Emquanto dirigiam a traça dos approxes, sitiando uma praça de guerra, liam Platão no original. Nas côrtes dos principes, a par da força e da audacia, fulgiam a beleza e o talento.

Modernamente, porém, o Supremo Senhor dos mundos, cheio de tédio pela sua obra, de quando em quando sacoleja uma alcofa em que guarda os restos da criação, e que elle conserva na ultima prêga do Infinito, dependurada numa das esquinas do Espaço. E das alturas, á desgaira sobre a terra verte, miudos, esquirolas, migalhas d'aleijões, cangaços da vinha de Noé, sobras do jantar d'Ezequiel, pitadas de miólos da burra de Balaam.

Chovido este cisco todo cá no vale de lagrimas, por um tubo pneumatico lhe insufla a alma que as aguas batismaes tornam cristan. E depois... e depois ahi temos de pé, andando como a gente, vestindo como a gente, quasi como a gente falando, um surpreendente Oliveira Matos!

\* \* \*

Tal qual os grandes homens da Renascença, Oliveira Matos, desenfado da Divindade, abusa de suas multiplas aptidões. Official de barbeiro e mestre de deitar bichas, politico, parlamentar, deputado, cacique, especialista d'assuntos militares, fazendario, e para cumulo de gentilezas— poeta!

Dos donaires com que manejava as tesouras e a navalha, ficou-lhe a queda para as armas. Uma vez, apoz a habitual incontinencia de sandices acerca de materias guerreiras, dizia elle no Bussaco a cavalheiro intelligentissimo desta cidade:

— Olhe que até me chamam o Freycinet portugês!

Como se Freycinet, reorganizador dos exercitos da terceira republica francêsa, andasse pelos regimentos a rapar á escovinha as melenas dos galuchos!

Das sentenças de baque com que atordoava a clientela, e dos seus conhecimentos d'orelha, resultou a mania oratoria.

Das contas das gorgetas mais dos alqueires de milho anuaes com que pelas aldeias se pagam as barbas, proveio-lhe a competencia nas questões financeiras, e tão reconhecida que no contrato dos tabacos José Luciano lhe cometeu o cargo de relator.

Finalmente, pelo trastejar constante de toalhas e bem acondicionar a bacia de lata, chanfrada num bordo, — á an-

tiga portugêsa — sob os arriscados queixos dos pacientes, obteve prestimosa ocupação na paço dos Navegantes, em que os padecimentos do chefe exigiam homem perito no carguejamento d'ourinoes e rodilhas de limpeza.

Duas qualidades, no officio adquiridas, permaneciam sem emprego: — a pericia nas sangrias, e a perfeição com que metia dois dedos na bôca dos fregueses, a abaular-lhes as faces, para um escanhoamento primoroso. Oliveira Matos consagrou-as á poesia.

Deitou-se á musa, colocou-lhe no cachaço meia duzia de sanguesugas, abriu-lhe no sangradoiro a veia poetica, e deu o toque, como o mais perito cirurgião parteiro. Desgravidou-se a triste. Traz o fruto gilvazes na metrica, como elle pespegava nos clientes, como rasga na eloquencia e no senso comum. Mas com duas esfregações de pedra-pomes, os lanhos param de gotejar.

\* \* \*

Veio no *Mundo*, transcrita da *Comarca d'Arganil*, a amostra lirica do novo vate. Todos imaginam que será uma composição humoristica, sob o titulo: — *O senhor frisa o bigode?* — ou poema didatico explanando as sofisticações da agua de Colonia e pós d'arroz. Profundo engano!

Canta o coração bondoso, diamante de caridade, do rei D. Manuel. Ora assoalhemos perolas do escriptorio:

Pelas ruas em paz da mata verdejante,  
Sob um formoso ceu de luz e de verdura,  
Ia passando o rei, bondoso, insinuante,  
Na atraente expressão da sua gentil figura.

Ha silabas a mais na ultima linha? Não se afijam. E' porque só levou uma passadela.

Seguem as quadras no mesmo tom, galgando todas as escabrosidades do ritmo.

Passava o rei, e debaixo dum cedro estava uma velha sentada ao borrarho... não, não digo bem, estava uma velha entrapada que

Estendendo a magra mão pedia — *dez reisinhos*.

Ficou-se a Majestade com sete espadas no peito. A Gaby Desliss levava tudo. Porisso o poeta não diz que o monarca deitasse mão á escarcela, e no regaço da pedinte esvasiasse a lista civil.

Mas ajunta que lhe lavrou no seio uma fogueira de bem-querer, e que aos *de mais perto* desatou a enxugar os prantos. O bardo acaba com esta moralidade:

Ao teu exemplo os ricos dão com mais vontade,  
E os pobres pedirão a Deus p'lo teu reinado!

Que foi exactamente o que aconteceu com os obrigacionistas do Credito Predial. Pediam todos a Deus o seguimento da reinação.

\* \* \*

Perguntam-me da banda: «E que graça acha V. aos versos e aos comentarios?» Nenhuma. Uns e outros soberanamente insipidos.

Mas o bando de grotescos que como o Oliveira Matos fazem carreira de governantes e politicos e que — proseguindo a desvergonha presente — hão-de subir a ministros, não só irritam como nos vexam. O seu poderio e predomínio constituem uma afronta a todos os que pensam. E se a um grande bandido, a um salteador, a um tirano, inteligentes sendo elles, se podem exigir responsabilidades, como pedi-las a irresponsaveis daquelle tomo?

Contudo é com o nosso silencio que elles trepam. A homens superiores tenho ouvido o conceito: — Melhor é tratar essas nulidades pelo desprezo, que ajudar-lhes ao reclamo, combatendo-as. Má doutrina. O desprezo engorda os! São *parvenus* insofridos aos quaes a toda a hora se lhes deve chamar asnos, para vêr se á força de repetição se convencem da verdade.

Quando elles proferem discursos, sem nexo nem miôlo, por ahi se repete:

— Que desgraça de terra! Voltamos ao tempo em que os animaes falavam!

Peor. Estamos na epoca em que os animaes escrevem... volatas lyricas. A burra de Balaam, a besta biblica mais intelligente, contentou-se com pronunciar duas frases, depois de bem sovada. Espiritualisou-a o arrocho do profeta. Mas não espetou as quatro ferraduras pelas redondilhas ou pelo metro alexandrino.

Oliveira Matos poderia ser uma utilidade social, se continuasse no seu officio primitivo. Um bom barbeiro vale mais que todos os maus politicos. Porém, no caminho que elle segue, um só logar lhe deveriam, onde não alcançaria fazer mal. Pô-lo no Conselho d'Estado ao lado de José Novaes. Claro — com baias altas e fortes.

E até podia acontecer que assim como Eduardo VII, sendo ainda principe de Gales e visitando Portugal pela primeira vez, só d'aqui levou um burrico, como recordação simbolica, talvez outro principe estrangeiro um dia nos levasse esse casal de conselheiros.

## A sombra do mata-frades

**A questão religiosa.—Conflito da Igreja com a sociedade moderna. — O clero nacional e os frades.— Triste fim dum Messias.**

«Em Portugal não ha questão religiosa.» — Um dia só não passa sem que a publico essa asserção rompa, dogmatica, rigida, pomposa, nas gazetas que encascam o descorado e anemico liberalismo governamental. Por mim leio a solene afirmativa, e ponho-me a coçar a carapinha!

Um mez não vae decorrido que D. José Canalejas, nas entrevistas concedidas ao periodismo europeu, com o mesmo entono ilucidava o mundo, assegurando: — «Na Espanha não ha questão religiosa.»

Pois ao tempo em que a democracia francêsa, de Gambetta colhia o impulso e orientação, tambem lá as folhas que mais claramente traduziam o criterio do caudilho, a mesma frase to-

mavam para assunto de habilissimas variações: — «Na França não ha questão religiosa.»

E os politicos dos tres paizes, em momentos diversos, para iluminar a formula ajuntavam: — «O que nós combatemos é apenas o clericalismo na politica.»

Bem sei que as nações se governam com formulas, e os homens por frases se levam. Mas o adversario a quem os botes vão dirigidos, é que se não deixa iludir. A Igreja catolica por experiencia conhece que o intimo do problema clerical é a questão religiosa.

Como acabou na França o conflito? Rompendo-se as relações diplomaticas entre a Republica e a Curia, pondo-se termo ao regimen concordatario, e finalmente separando-se as Igrejas do Estado. Os acontecimentos desmentiram brutalmente o artificio dos discursos politicos.

\* \* \*

No mundo catolico atual, crise profunda avassala e comove a consciencia religiosa. No interior da Igreja o modernismo que as enciclicas de Pio X não conseguem extinguir como as de Pio IX estrangularam o catolicismo liberal, prova que a religião e as religiões, á medida que evolucionam, se dissolvem no que Jean Finot designou com o neologismo — religiosidade. Isto é: o dominio da fé vaga em que os dogmas perdem a nitidez dos contornos, assumindo os caracteres d'aspirações indefinidas.

Externamente, a Igreja topa-se em luta aberta com o espirito de tolerancia que d'anno a anno se alarga nas sociedades hodiernas e com o do livre-exame que a Sciencia propugna: com as tendencias de livre-pensamento das democracias contemporaneas; com as formas civilistas dos Estados, e com os preceitos da moral laica e scientifica que já em toda a parte surgem, opondo-se á moral catolica.

Tudo isso enfeixado constitue o que se chama a questão religiosa. Ella existe entre nós, como nos outros povos latinos. As causas são as mesmas, posto que, mercê de condições histo-

ricas, os aspetos e a intensidade do problema possam variar de país a país.

Querer extinguir o clericalismo deixando intacta a influencia da Igreja, é o mesmo que exigir que uma circumferencia tenha os tres angulos dum triangulo. Apaga-se um incendio num edificio afogando em agua o fóco, e não com demolir apenas uma parede, pois que o vento que pela brecha sopra, serve só d'atear as labaredas.

\* \* \*

Qual será a attitude do clero portugûes em face das medidas que o governo — ao que se diz — vae tomar relativamente a certas ordens monasticas ?

Bem sabemos que uma grande parte do baixo clero detesta o frade. O frade é o seu mais perigoso concorrente. Arrebanha as missas de melhor paga, as esmolas de maior sacco, as confesadas que mais rendem, é o que mais gordo quinhão aboca nos testamentos, é o que melhor sabe traficar ao divino.

Porém o mais solido apoio de Roma precisamente consiste nas ordens e congregações religiosas. As mais calorosas benções do Pontifice recaem sobre a fradaria.

Por conseguinte a bispalhada nacional bem submissa a Roma, como fez em 1901, voltará em documento coletivo a esgrimir em defensão de todas as fraldas femeas e machos dos conventos e mais furnas congreganistas. E os clerigos de cada diocese, por temor ás mitras e respectivas camarilhas ecclesiasticas, acudirão com mensagens de aplauso a seus superiores jerarquicos.

Que haja sinceridade nos louvores, ninguem tal crê. O velho ditado nosso: «lobo não manjea lobo» — nenhuma applicação encontra nas hostes canonicas. As ordens monasticas não se devoram mutuamente, e o padre secular não crava dentes no padre regular, só com mêdo de desmantibularem os queixos.

A mór parte dos parocos ruraes, ao verem transpôr a raia as maltas fradescas, subiriam aos espinhaços dos montes. E do mais alçado penhasco, partindo com a mão direita o antebraço esquerdo, tres vezes o dobrariam em piedoso aceno, com o suave

comentário: — «Arre! cevados! Já levam o bandulho a arre-  
bentar de milho! Agora, nós.»

\* \* \*

Se, porém, a atitude do clero nacional, que ao cabo se traduziria em folhas de papel estragado com a eterna retorica e o latim macarrónico dos sermões, ao governo não pode causar embaraços, pergunta-se quaes os motivos dos timoratos e desnecessarios inqueritos a que se está procedendo?

E' que o snr. Teixeira de Sousa tem mêdo do Rei que os clericães adora, mêdo da Rainha-mãe que — como gazetas orleanistas estrangeiras referiram — é a cabeça do partido reacionario, mêdo do Nuncio (que já deviam ter nomeado diretor da Alfandega) e mêdo de perder o poder.

A opinião liberal e a democracia republicana apoiá-lo-iam na luta anti-congreganista. Mas elle, com receio de provocar o gesto real que prestes o varresse do ministerio, mais leva geitos de burlar o país como Hintze Ribeiro em 1901, que de imitar, mesmo de longe, o famoso Aguiar.

E' verdade que em 1834, a extinção dos conventos obedeceu mais a necessidades d'ordem economica que ás d'ordem politica. O constitucionalismo vinha com fome. O tesouro sangrava as derradeiras gotas, a nação exaurira-se na prolongada agitação de dez annos. Comeu-se o frade, para começo de vida. E agora, se o frade se arreceasse de que lhe queriam espremer os bolsos, mobilizaria as suas riquezas, e a bom recato as collocava lá fora.

Mas ainda que dum ou dois conventos se expulsassem duas duzias de fradalhões que com alma se dedicam a explorar monetariamente a boçalidade de populações ignaras, e a engazupar cachopas, que proventos colhia o liberalismo desse facto minusculo, logo que se não tocasse nas congregações que se dedicam ao ensino? Que nos interessa a nós que do alto dum pulpito deixe de mercancear bentinhos e medalhas qualquer chatim de tonsura ou de cercilho?



As gerações que saem dos seus collegios e escolas, por ahi já afforam na vida publica com o vinco que lhes imprime caracter. E' essa mocidade de espinha mole, que ao invéz das camadas academicas celebres, não canta nem bebe nem ama, não estuda, não lê, não possui ideaes. E' essa juventude que engrossa as peregrinações resando terços, entoando versos parranamente idiotas, e proferindo idiotices parranas nas ligas reacionarias.

Deixar o ensino nas mãos da clericalha, é deformar a mentalidade da raça. Combater o clericalismo creando clericães, é querer extinguir a rataria deitando-lhe de comer.

Por isso as forças reacionarias escarnecem das arremetidas do governo, e as forças democraticas, tantas vezes e por propria culpa enganadas, suspeitas — senão certêsa — nutrem da taboleta liberal.

É assim o governo cairá no Paço por impotente e fraco, e na opinião por burlista e trapaceiro.

## Punhado de notas

Ao sr. Conselheiro José d'Alpoim

Na «carta de Lisboa» que o *Primeiro de Janeiro* estampou em 6 do corrente, V. EX.<sup>a</sup> escreve que eu tive ensejo de ver «pelos resultados do acto eleitoral que não houve acôrdo algum».

Pois não tive ainda. Não conheço o resultado global das votações no distrito. E menos ainda os apuramentos parciaes nas assembleias dos concelhos onde apontara a existencia d'acôrdos com que a lista governamental dissidente lucrô.

Se nas localidades em que o barão de Rio Ave ordena, o acôrdo não seguiu a bom termo — e ainda elementos não possui para me pronunciar — não foi á mingua de ofertas por banda dos governamentaes-dissidentes. Ao poderoso influente chegou a

ser dito, para o moverem, «que, se elle desejara, seriam telegraficamente demitidas as autoridades e substituidas por pessoas que indicasse».

O partido de V. Ex.<sup>a</sup> teve aqui no distrito um forte agente eleitoral, o snr. Centeno. E quer V. Ex.<sup>a</sup> que eu acredite que a toda a acção dum graduado do partido dissidente, foi o chefe desse partido totalmente extranho!

Não posso. Sofro, quando se trata de deglutir fruta tão polpuda, d'apertos na garganta. E com a aflicção do engasgamento, largo a citar chavões latinos, que decididamente já não estão no trinque.

Este, por exemplo: — *Quod nimis probat, nihil probat.* Nada prova o que prova demasiado. E V. Ex.<sup>a</sup> em materia de provas transcende o limite da superabundancia.

Então, em todas as minhas afirmações, atinentes ao acto eleitoral no distrito, nem um ponto acertei? Então não me resta outro officio, no capitulo conjecturas, que fabricar boletins sobre a previsão do tempo, e ventarem furacões mal annunciar calma, chover a potes na estiagem, e se botar prognostico de trovoada em Lisbôa cairem raios nos antipodas?

Propuzeram aos republicanos um acôrdo em Santo Tirso. Regeitámos. E houve isenção igual da parte do governo? Que lhe parece a V. Ex.<sup>a</sup> a imundicie de Lousada, terra onde nem um simulacro d'eleições se realisou, contentando-se todos com lavrar as actas dois ou tres dias antes de 28 d'agosto?

Que significaram as ameaças que o governador civil do Porto proferiu contra o blóco — *e que cuidadosamente foram remetidas á imprensa* — senão que o blóco se negou a um acôrdo com os governamentaes-dissidentes dentro desta cidade?

V. Ex.<sup>a</sup> tambem estes factos nega? Ou limita-se á negativa da interferencia propria nelles?

Mas, na segunda hipotese, V. Ex.<sup>a</sup> de quem todos conhecem a intensiva actividade partidaria, oferecia-se para o publico na attitude grotesca de chefe dum partido onde todos mandavam menos V. Ex.<sup>a</sup>

Afinal a nada chegamos com este testilhar. A tudo que

avanço, contenta-se V. Ex.<sup>a</sup> com desmentir categoricamente. Se os factos indico, V. Ex.<sup>a</sup> galga por cima delles.

Conclusão: V. Ex.<sup>a</sup> assim cansa-se de tanto saltar; e a mim desafinam-se-me os nervos.

\* \* \*

## Mensagens internacionaes

A maçonaria portugüesa, louvando a attitude anti-clerical do presidente de ministros da Espanha, enviou-lhe uma conceituosa mensagem na qual, de par com elogios á sua orientação, o incitavam a proseguir no esforço libertador das consciencias. Em mão propria entregou o documento o nosso colega França Borges, emigrado em Madrid.

Cortezmente o recebeu Canalejas, agradecendo o acto, e prometendo responder.

Annos ha, estava no poder João Franco, e os republicanos espanhoes, em face da campanha dignificadora da honra nacional que os deputados republicanos portugüeses levavam travada no parlamento, por dois emissarios tambem a Lisbôa remeteram sua mensagem de congratulação. Consequencias: — O governo obstou á entrega; prohibiu os portadores de comunicar com os nossos correligionarios; pô-los a toda a pressa na fronteira sob a guarda da policia.

Justificando a estupidez do procedimento de João Franco, em todas as claves se trauteou a aria patriotica. — «Não toleramos que o estrangeiro se intrometa na nossa politica interna.»

Foi um rastilho de polvora bombardeira. De cada colmado montez se desempeçava uma padeira d'Aljubarrota. Os deputados franquistas esgardunhavam castelhanos. Fungou-se o hino de 1640, e deitavam-se anuncios nos jornaes pedindo um sortido de Felipas de Vilhena.

Isto num país em que por tres vezes, para se aguentar a Carta Constitucional, houve necessidade das tropas estrangeiras. A divisão do general Clinton em 1826, o exercito do general

Rodil em 1834, os de Concha e Mendez Vigo em 1847 secundados pela esquadra de *sir* Thomas Maitland!

Ora o caso da maçonaria portugueza aplaudindo a politica de Canalejas, politica interna, e que dentro da propria nação levanta duros atritos, não era igual ao dos republicanos espanhoes significando sua estima aos seus confrades portuguezes? Em tudo identico.

E acaso o povo espanhol será menos cioso dos seus brios, que o nosso? Talvez mais. O espanhol radicalmente individualista, ganhou em todo o mundo a fama de soberanamente orgulhoso, e desmedidamente altivo.

E' que D. José Canalejas, inteligencia larga, espirito banhado na cultura moderna, não se eguala a um bronco ignorantão como João Franco, que só equilibrava o seu cretinismo com a propria ferocidade.

E' que D. José Canalejas sabe que manifestações como a dos maçons da nossa terra se filiam nas correntes de solidariedade humana que vadeiam as balisas dos estados, e que estendem sobre os odios, indiferenças ou separações das raças, a communhão das ideias.

E' que D. José Canalejas conhece que hoje, para se governar um povo que se diz civilizado, é forçoso não só o apoio da opinião no seu país, como o da opinião das outras nações. Um ministro tirano, cruel ou reaccionario, encontra actualmente tanta opposição na sua patria, como nas alheias.

O opressor dum povo fere os sentimento da justiça em todos os homens. A lesão do direito praticada sobre um unico membro da comunidade, a todos os restantes ofende.

\* \* \*

## Barra fóra

Desde o periodo eleitoral que varios periodicos exigem a saida imediata do nuncio Tonti. O prelado, que parece mais fino candongueiro que atilado diplomata, não sabe amordaçar a lingua. Permite-se inconveniencias acerca de chefes politicos, ins-

pira jornaes que são esgotos d'almas latrinarias, capitanea um partido, intriga a ceo aberto, e trata Portugal como se fôra uma recamara do Vaticano.

Dêem-lhe os passaportes — grasinam. Pois que lhos entreguem. Não seremos nós, republicanos, a aperrar trabucos contra o governo por despachar esse pacote nas alfandegas.

E depois? — perguntamos. Mandam-nos outro, lá do Tibre, mais flexivel, mais insinuante, mais habil, mais perigoso? Ou ficamos de relações suspensas?

Claramente que esta derradeira interrogação, se a serio fôra escrita, teria mais ingenuidade do que ingenuas são as concepções de Pio X relativas á vida social hodierna. Comtudo imaginemos que, por alguns annos, não tínhamos na côrte representante do Pontifice. Estariamos livres da influencia de Roma sobre os catholicos portuguezes, ou da sua ingerencia na orientação do partido reaccionario? Impossivel.

Qualquer bispo receberia da Curia as instruções secretas que ao Papa ou ao Cardeal Secretario aproovessem. Não havia necessidade da publicação de taes letras nos órgãos officiosos do pontificado. E se o episcopado, por temor ou qualquer outra razão se recusasse ao çarreto, um leigo, o primeiro Jacinto Candido serviria de veículo.

Quando Clémenceau expulsou de França aquelle *monsignor* Montagnini que se ficara pela nunciatura, sem carater official, a pretexto de guardar os arquivos, ao ser-lhe passada busca nos seus papeis pessoaes, encontraram-se porção de cartas comprometedoras. De Roma vinham ordens, atinentes á politica dos partidos da direita, e ás campanhas contra os republicanos-radicaes, e socialistas, ordens dirigidas ao senador Piou.

Atravez deste se moviam os batalhões reaccionarios, e na imprensa estercoraria, forja d'infamias, se jogava em calão de bordel e sacristia, a calunia aos ministros, senadores, deputados e publicistas, que mais pugnavam por que a lei da separação se executasse rapidamente.

«No caminho seguido pela Igreja desde a ascensão de Pio X á tiara, — dizia o modernista Romolo Murri — não é permi-

tido ao catolico ter consciencia. A cega obediencia que o jesuita deve ao superior, o catolico a deve ao Pontifice. Perguntaram um dia ao celebre e admiravel cardeal inglês Newman :

— Se o Papa vos ordenara que marchasseis contra o vosso país, fá-lo-íeis ?

— Nunca — replicou elle — porque a minha consciencia o prohibia.

«A tal estado as coisas chegaram que esse luminar da Igreja, se vivera sob este pontifice, instrumento de Merry del Val, receberia severa admoestação pela sua maxima tão nobre quão intimamente religiosa.»

Por estas razões não logro discriminar as vantagens de meter o nuncio no primeiro paquete. Mas mandem-no embora. Só para ver se o Vasconcelos Porto se resolve a desembainhar o ferracatão, e se enfim estoira essa guerra civil com elle por generalissimo, José Novaes chefe do estado maior, o padre Matos nas avançadas, e os bispos de Beja e da Guarda a cobrirem a retaguarda com a artilharia montada.

---

## Desgraças locais

Sob uma soalheira que punha nos lombos moscas de fogo, a meio do largo do Infante D. Henrique, bati d'encontro a uma personagem tão encalmada como eu e que seguia em sentido opposto. Iamos ambos praguejar pela topadela, quando nos reconhecemos. Era elle um comerciante amigo meu, que da Alfandega regressava, com os olhos injetados de sangue, e orvalhado como um repolho em madrugada fresca.

— Calor ! hein ! — rompi, attribuindo ao sol aquelles ameaços de congestão.

— Qual calor nem qual diabo ! Saio agora daquella maldita casa. Um dia perco-me. Mato alguém.

— Então, tudo na mesma ?

— Está visto. Nem pessoal, nem material, nem espaço para armazenar mercadorias, nem guindastes, nem limpessa, a não ser na bolça da gente quando se necessita dum despacho com urgencia.

— ?...

— Pois não percebe? Quando ali se vae arrancar uma fazenda, de que a gente tem precisão para satisfazer fregueses irritaveis, como o pessoal anda abarbado de trabalho, larga-se uma corôa a este, uns tostões áquelle, mais tanto áquel'outro, e assim sucessivamente até se fugir da caverna.

— E vocês pagam esses... extraordinarios, fóra da lista?

— Pudera! Pagamos e bufamos, mas o bufar é só para desabafo. Imagine V. que as mercadorias da furna n.º 1 se deitam indistintamente para os cinco armazens. Vae-se ao fiel que tem o livro das entradas ou registo das contramarcas e, resposta sabida:— «O' sr. ! Mas eu agora não posso ! Tenho muito que fazer.» Quando se trata de maquinas, andam a monte pelos corredores. Patinha-se naquelle chiqueiro, que parece um aido para os layradores curtirem estrume !

Passa-se, por qualquer acaso, nas proximidades dum guindaste, e logo do alto elle nos cospe um chuveiro de vapor d'agua e oleos gordurosos. Olhe que as vidraças que todos julgam fundos de escarrador, só foram limpas no momento, da visita do Teixeira de Souza.

— E a culpa, meu amigo ? A quem tocam as culpas ?

— Eu digo : o conselheiro Gouveia Durão é uma boa pessoa, mesmo muito boa pessoa, estava proprio para santo em nicho d'igreja. E é quasi que a unica occupação que elle tem na Alfandega, sempre encolhido no gabinete. Quando foi da cheia, de lá não saiu. Já as lampreias lhe mordiam os tornoselos, e elle sem se mover da poltrona. Se o não salvam, afogava-se, immobilizado ao pé da secretária.

Quem dirige a Alfandega, quem põe e dispõe, quem dimite e promove empregados, quem faz de rei d'aquellas portas a dentro é o Manuel da Silva Martins, chefe do trafego. Elle serve

de boca e ouvidos ao diretor, rispido para com o pessoal inferior, servil e baixo para com os superiores se estes lhe dão de mão.

Para lhe entremostrar as luzes intelektuaes do dono d'aquillo tudo, cito-lhe um facto. Ao dar-se a grande cheia, possuia a Alfandega duas lanchas a vapor. Podiam ter sido salvas como muitos salvaram as barcaças de que eram proprietarios.

Continuavam as chuvas ininterruptas, e por diferentes pessoas ao Martins foi alvitrado que tratasse de pôr as lanchas em local seguro.— «O que! retorquia elle. A agua ha-de parar de subir. Não vae longe.» E ia aumentando sempre. Até que as varreu rio abaixo. «Deixá-lo!— comentava o Martins — faziam despesa de desoito tostões diarios. E' mais uma economia.»

Do armazem n.º 7 deixou elle então perder toda a escrituração.

A freima persistente do homem consiste em economisar. Consoante essas economias, que são a causa primaria da desorganisação dos serviços alfandegarios, assim ao fim do anno lhe toca uma choruda gratificação. E lambe-se com os louvores da administração geral!

— Ouça, deixe-me agora ajuntar alguma coisa. Os srs. queixam-se, mas nada mais fazem. No dia em que os comerciantes da praça quizessem de verdade pôr termo a esse caos, conseguiam-no. Mas contentam-se com esportular-se para obterem um despacho rapido, gorgetas que afinal o publico tem de pagar no preço da fazenda.

